

A CONSTITUIÇÃO DA IDENTIDADE DISCURSIVA DO ALUNO

Mateus Teodoro CORREIA (1); Edite Luzia de Almeida VASCONCELOS (2)

- (1) Centro Federal de Educação Tecnológica da Bahia, Rua Desembargador Júlio de Brito, nº. 45, Baixa de Quintas – Salvador - Bahia, (71) 33893282, e-mail: mateusteodorocorreia@hotmail.com
(2) Centro Federal de Educação Tecnológica da Bahia, e-mail: editeluzia@ig.com.br

RESUMO

A pesquisa “A Constituição da Identidade Discursiva do Aluno” tem como objetivo saber como se constitui a identidade do aluno, no discurso escolar, através do seu próprio discurso. O *corpus* da pesquisa é constituído de entrevistas dos alunos ingressos em 2007 do CEFET-BA. Foram entrevistados dois alunos de cada curso, totalizando dezoito alunos e seis docentes e foram utilizadas atas do conselho diagnóstico de uma das turmas de primeiro ano de cada curso integrado. Todas as entrevistas foram transcritas. O perfil do aluno dado pelo seu próprio discurso demonstra que ele se identifica como um bom aluno, mas nem sempre o diz através da expressão “ser bom aluno”, mas com palavras e/ou expressões correlatas, tais como estudioso, esforçado, participativo. Isso parece querer dizer que entre o discurso dado *a priori* sobre “ser bom aluno” e o discurso em estudo há um movimento na constituição da identidade do aluno, no discurso escolar.

Palavras-chave: discurso, aluno, identidade.

1. INTRODUÇÃO

A pesquisa “A Constituição da Identidade Discursiva do Aluno” tem como objetivo saber como se constitui a identidade do aluno, no discurso escolar, através do seu próprio discurso. O perfil do aluno dado pelo seu próprio discurso demonstra que ele se identifica como um bom aluno, mas nem sempre o diz através da expressão “ser bom aluno”, mas com palavras e/ou expressões correlatas, tais como estudioso, esforçado, participativo. Isso parece querer dizer que entre o discurso dado *a priori* sobre “ser bom aluno” e o discurso em estudo há um movimento na constituição da identidade do aluno, no discurso escolar. Nesta pesquisa, o conceito de língua é compartilhado com aqueles que a vêem como dinâmica e mutável. Também coaduna com a noção de que a identidade é constituída na língua e através dela, no entanto, sem abandonar o entendimento de que o contexto sócio-histórico é partícipe de sua constituição. Assim, a identidade não é tratada conforme o conceito tradicional que a vê como uma totalidade homogênea e estável, mas sim como um processo, ou seja, em “permanente estado de fluxo” (RAJAGOPALAN, 2003). Disso deriva a necessidade de “compreendê-la sempre em movimento, em constante mutação.” (CORACINI, 2003). Como resultado, compreende-se a constituição da identidade do aluno (e também do professor) como heterogênea e em movimento.

2. METODOLOGIA APLICADA

A metodologia empregada constou de entrevistas gravadas de dois alunos de cada Curso Médio Integrado ao Técnico, com um total de dezoito entrevistas. Também foram entrevistados seis professores, escolhidos aleatoriamente. Todas as entrevistas receberam transcrições grafemáticas. A partir dos textos transcritos, foram retirados trechos (palavras, expressões, frases) que tivessem referências com a expressão “ser bom aluno”. Também foram elaborados quadros, tabelas e gráficos. Depois, procedeu-se à descrição e análise dos dados (as informações) contidos nos quadros, tabelas e gráficos.

3. ANALISE DOS DADOS

Tabela 1 – Descrição do perfil do aluno pelos discentes

PERFIL DO ALUNO	
BOM (BOA) ALUNO (A)	17%
É ESTUDIOSO	17%
PRESTA ATENÇÃO NAS AULAS	14%
REALIZA TAREFAS	11%
TEM BOAS NOTAS	11%
EVITA CONVERSAS	7%
TEM TEMPO DE RELAXAR	7%
SEGUE AS NORMAS DA ESCOLA	4%
É INTELIGENTE	4%
BAGUNCEIRO	4%
GOSTA DE TROCAR EXPERIÊNCIAS	4%

**Por vezes que aparecem no discurso*

Os dados contidos na tabela 1 demonstram que a expressão "bom aluno" aparece no texto dos alunos-sujeitos entrevistados, ocorrendo cinco vezes no total de 18 alunos entrevistados. Quando confrontamos esta tabela com o gráfico 1, percebe-se que perfil dito pelo aluno é, de certa forma, o mesmo do professor, ditos também por palavras correlatas, tais como: “estuda”, “comparece em sala de aula”, “comprometido com os alunos”, “ser assíduo”, “ser participativo” e “ter horário fixo de estudar”.

COMO DEVE SER UM BOM ALUNO?

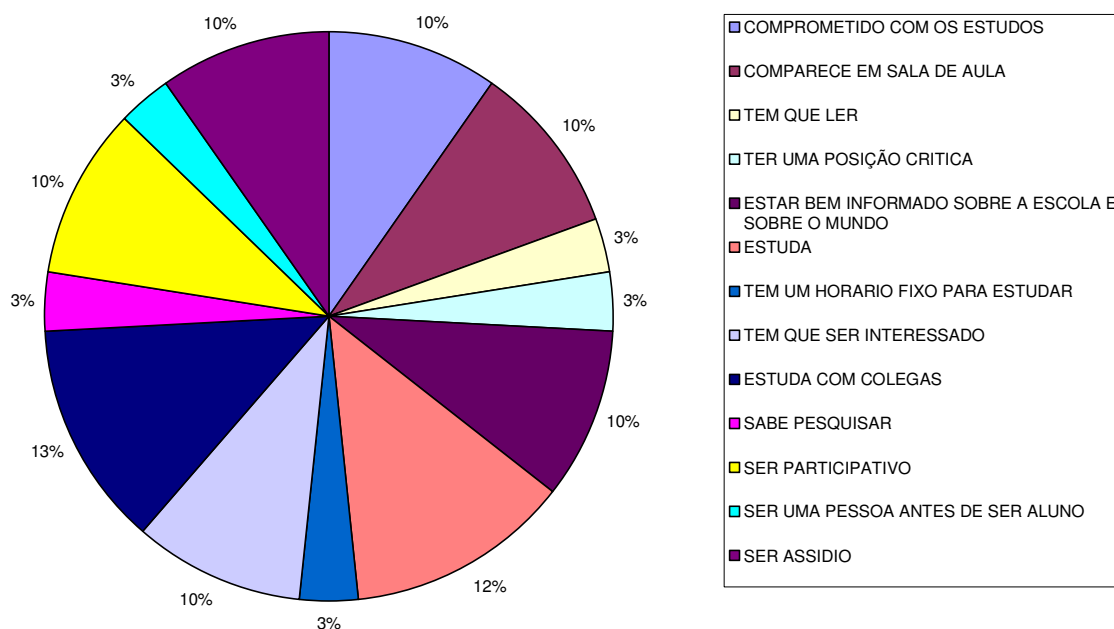


Gráfico 1 – Descrição pelos docentes da imagem de um bom aluno

COMO ESTUDA

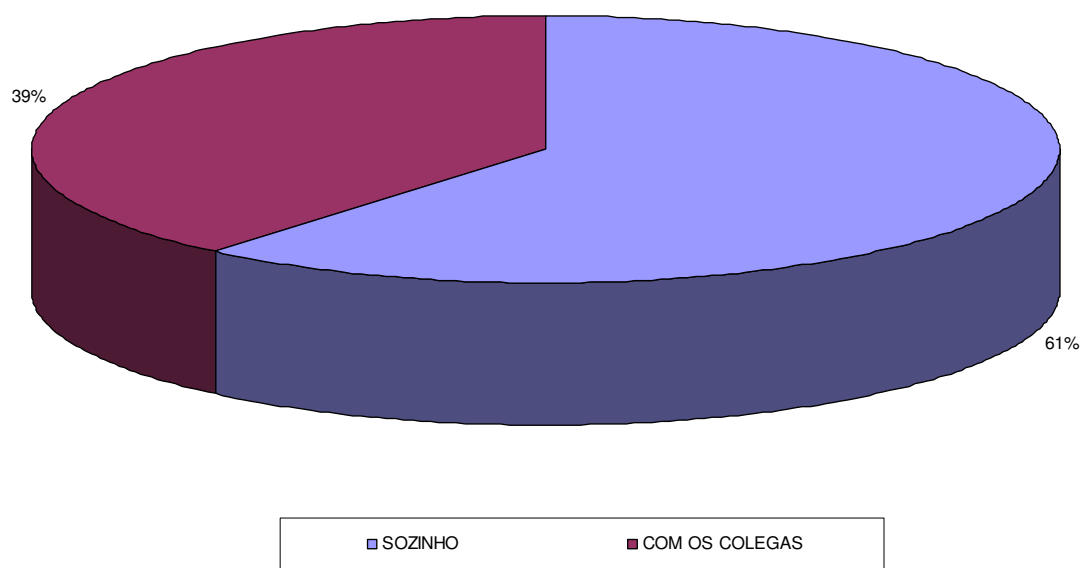


Gráfico 2 – Descrição de como os alunos do CEFET-BA estudam

O gráfico 2 demonstra que maior percentual de alunos prefere estudar sozinho, tendo como maior justificativa para preferirem estudar sozinho obter uma melhor concentração.

APOIO DOS PAIS

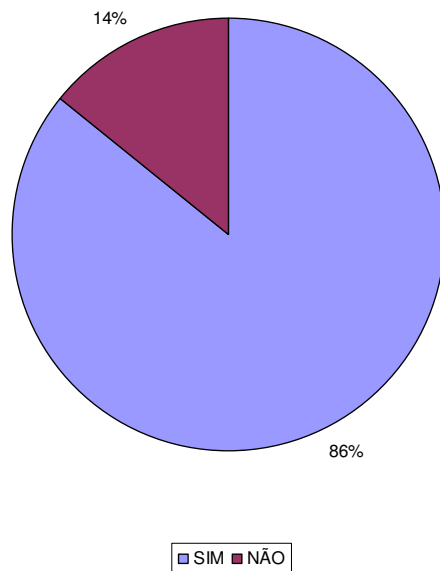


Gráfico 3 – Descrição da Intervenção da família no desenvolvimento escolar

Analisando o gráfico 3 evidencia que a maioria dos pais dos alunos do CEFET-BA apóiam seus filhos, informando-se sobre as notas/desempenho e os incentivando, por exemplo, comprando livros e ajudando de modo geral.

POR QUE ESCOLHEU SEU CURSO?

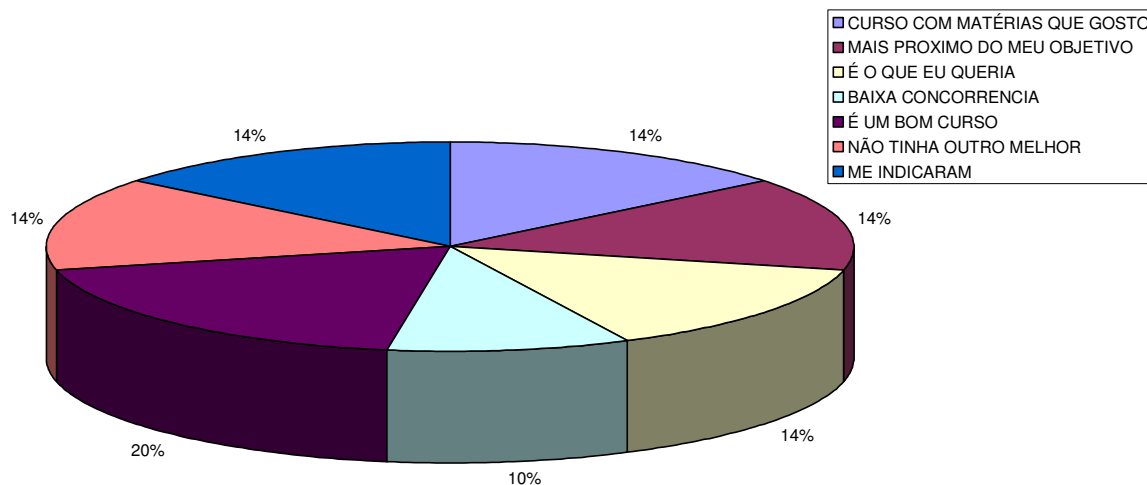


Gráfico 4 – Descrição da causa da escolha do curso técnico integrado

O gráfico 4 revela que uma parcela dos estudantes entrevistados não sabia, no momento em que escolheu o curso, as reais atribuições exercidas por um técnico na área do seu curso e a sua grande área de estudo. Tanto que quando perguntado se pretendem seguir carreira há um empate entre as três respostas obtidas:

Tabela 2 – Pretensão de investimento na carreira do curso qual cursa

PRETENDE INVESTIR NA CARREIRA?	
SIM	33,3%
NÃO	33,3%
TALVEZ	33,3%
<i>*Por vezes que aparecem no discurso</i>	

JÁ FOI PRESSIONADO?

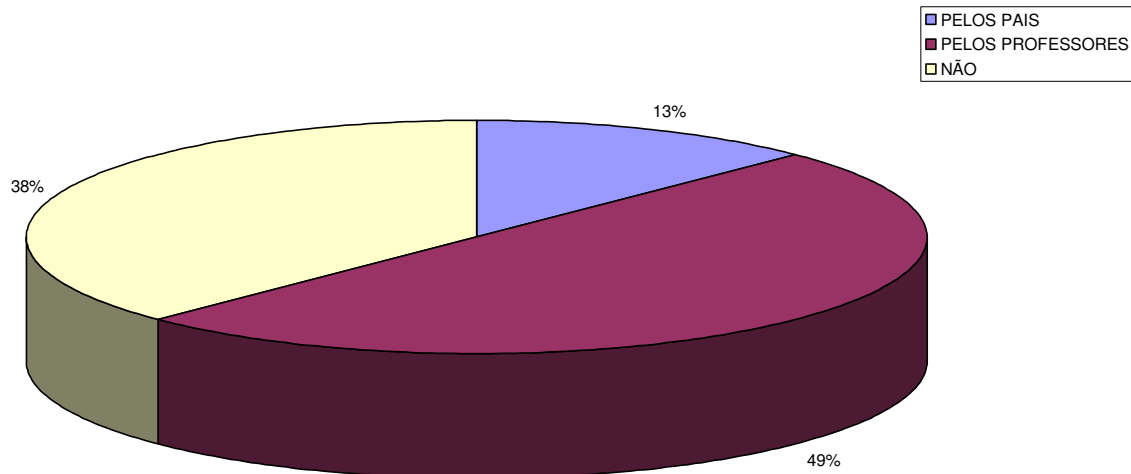


Gráfico 5 – Descrição das ocorrências de pressão

Perguntado aos alunos da Instituição se em algum momento eles foram pressionados após o ingresso no CEFET-BA, quase a metade dos sujeitos entrevistados diz que sofre pressão dos professores (ver Gráfico 5), tendo como maior explicação o pouco tempo para entrega de pesquisas e a quantidade de avaliações. Segundo Rajagopalan (2003), a censura provoca apagamento de significados possíveis e que por isso mesmo, pela existência da censura, há resistência a esse aparecimento.

O QUE ACHAVA DO CEFET-BA

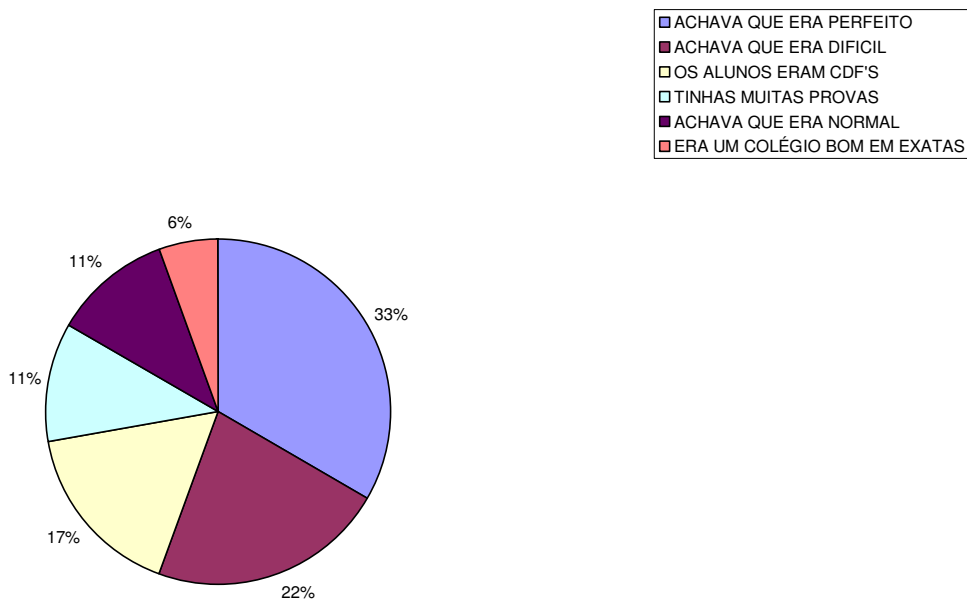


Gráfico 6 – Caracterização do CEFET-BA antes do ingresso dos alunos entrevistados

O gráfico 6 demonstra que grande parte dos alunos antes de ingressar nesta Instituição a achava perfeita. Mas após o seu ingresso esta opinião sofre abalo como demonstra o gráfico 7, definindo o CEFET-BA como: “um colégio normal”, “com erros e falhas que devem ser corrigidas”, que faz com que o aluno “passe na UFBA”, após conclusão do curso “tem emprego garantido”, e também que a pessoas da comunidade externa “exageram muito”.

APÓS SEU INGRESSO QUAL A SUA VISÃO?

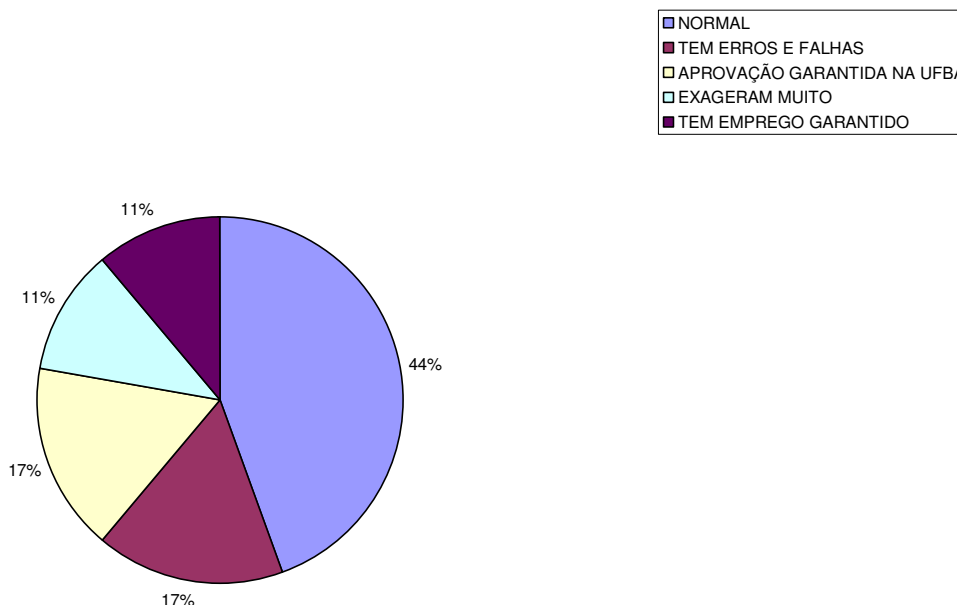


Gráfico 7 – Caracterização do CEFET-BA após ingresso dos alunos entrevistados

Com o gráfico 8 percebe-se que os alunos pediriam para passar de ano, como fatores para esta aprovação temos: 1) tem dificuldades na matéria; 2) pediria para passar; 3) não falta as aulas; 4) não provocou confusão no ano e 5) nota não julga aprendizado, que totalizam sessenta e seis por cento dos alunos. Só estes fatores somam 66%, fora os casos em que esta responsabilidade é transferida diretamente para o professor.

CASO FOSSE AO CONSELHO

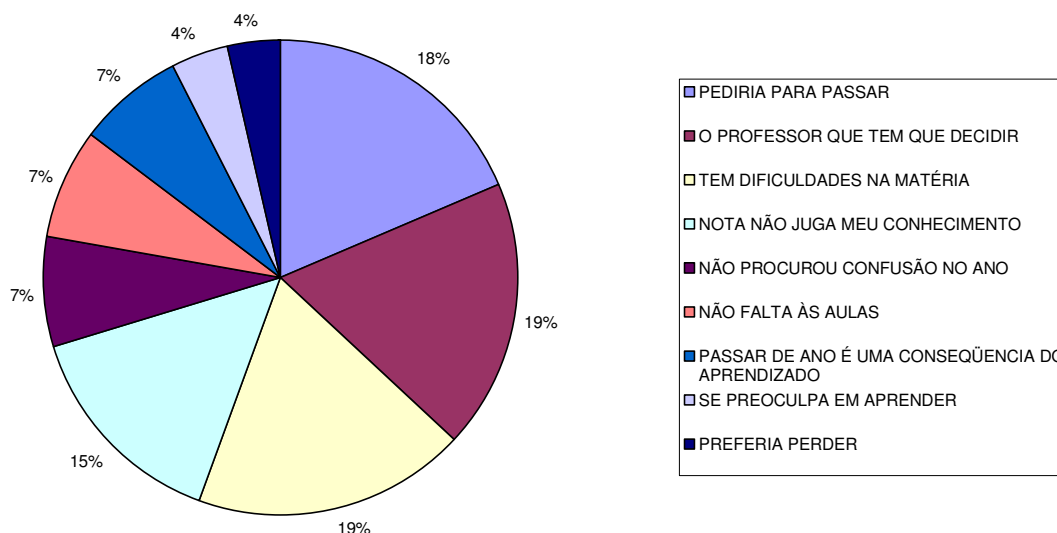


Gráfico 8 – Motivos informados pelos alunos entrevistados para aprovação por meio de conselho de classe final

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a análise das transcrições das entrevistas dos alunos ingressos em 2007, no CEFET-BA, conclui-se que o aluno se identifica como um bom aluno. Esse aluno diz que estuda, seja individualmente ou em grupo, mas estuda.

Quanto à identificação do aluno com o curso, pode-se dizer que parte dos alunos do CEFET-BA escolheu o curso sem saber as atribuições que iriam realizar quando concluírem o Curso Técnico Integrado ao Médio. É importante ressaltar que as informações fundamentais sobre o curso constam no edital do processo seletivo.

Quanto ao modo como os alunos escolheram o curso, as entrevistas indicam que, - sem ordem quantificadora -, alguns alunos: 1) queriam estudar no CEFET, independente do curso; 2) escolheram o curso por indicação; 3) escolheram por ser o mais próximo da área que pretendem como curso de nível superior; 4) escolheram pela influência dos pais; 5) por achar o nome do curso bonito e 6) até por eliminação. Essas informações indicam que no momento em que escolheram o curso não sabiam direito o que realmente queriam. É importante dizer que no ano em que estes estudantes ingressaram nesta Instituição, o Ensino Médio acabara de ser extinto, o que pode ter sido a causa desta indecisão na escolha do curso.

No que diz respeito ao apoio fora da escola, as respostas sugerem que a maioria dos pais dos discentes os apoia, estimulando-os, procurando saber o seu desenvolvimento acadêmico, auxiliando nas atividades, entre outros motivos.

Quanto à questão da imagem do CEFET, ficou constatado que os estudantes antes de ingressarem no CEFET o viam como uma Instituição perfeita, “um bicho de sete cabeças”, com professores muito exigentes, e que a Escola oferece ensino de ótima qualidade. Mas, após o acesso ao estabelecimento, constataram que ele é igual a outras instituições de ensino, se igualando a outros colégios, no tocante a alguns itens. Mesmo assim, as entrevistas indicam que os alunos vêem o CEFET como uma escola “que puxa mais pelo ensino”, com professores qualificados, o que garante um curso de qualidade.

Quanto à questão de passar de ano com auxílio do Conselho de Classe Final, boa parte dos discentes prefere a aprovação, justificando que estiveram interessados e se esforçaram para passar de ano. Outra parte atribui

diretamente a reprovação às dificuldades impostas pelo colégio. Tal dado sugere que o aluno transfere a responsabilidade pelo seu possível fracasso, ou seja, o fracasso não é dele, mas sim da Instituição. Tal fracasso seria consequência das “imperfeições” do colégio, visto que depois que entram a Escola “não é mais perfeita” e nas diferentes formas de “cobranças” que a Escola lhe impõe, como indicam os dados levantados que qualificam o CEFET como uma escola “que puxa mais pelo ensino”.

Finalizando, as análises dos dados sugerem que a identidade do aluno é uma identidade “em movimento”, em transformação, o que significa dizer, por um lado, que ele não deseja mais a identidade de antes que o exigia como um aluno “comportado”, “passivo”, e até mesmo “obediente” para ser identificado como “um bom aluno” e, por outro lado, que esse sujeito ainda não “definiu” a identidade de aluno (“moderno”?), ante as novidades impostas pelo CEFET (com os diferenciais que a Instituição tem, o que a coloca como uma escola “que puxa mais pelo ensino”) e das novidades trazidas pela sociedade atual. “Não há identidades fixas e categóricas, onde há censura, há resistência, migração de sentidos e transferências obrigadas” (RAJAGOPALAN, 2003).

A metodologia empregada constou de entrevistas gravadas de dois alunos de cada curso médio integrado ao técnico, com um total de dezoito entrevistas. Também foram entrevistados seis professores, escolhidos aleatoriamente. Todas as entrevistas receberam transcrições grafemáticas. A partir dos textos transcritos, foram retirados trechos (palavras, expressões, frases) que tivessem referências com a expressão “ser bom aluno”. Também foram elaborados quadros, tabelas e gráficos. Depois, procedeu-se à descrição e análise dos dados (as informações) contidos nos quadros, tabelas e gráficos.

REFERÊNCIAS

CEREJA, William Roberto. **Ensino de Literatura:** uma proposta dialógica para o trabalho com literatura, São Paulo: Atual, 2005.

CORACINI, Maria José (org.). *Identidade e Discurso:* (des)construindo subjetividades. Unicamp: São Paulo, 2003.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Tradução de Tomás Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro, 8.ed, Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. **Por uma lingüística crítica:** linguagem, identidade e a questão ética. São Paulo: Parábola, 2003.

----- **O conceito de identidade em lingüística:** é chegada a hora para uma reconsideração radical? Tradução de Almiro Pisetta. In. SIGNORINI, Inês (org.). *Língua(gem) e identidade:* elementos para uma discussão no campo aplicado. Campinas, SP: Mercado das letras: Fapesp/Faep/Unicamp, 2. reimpressão, 2002, p. 21-45.

SIGNORINI, Inês (org.). **Língua(gem) e identidade:** elementos para uma discussão no campo aplicado. Campinas, SP: Mercado das letras: Fapesp/Faep/Unicamp, 2. reimpressão, 2002.

SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e diferença:** a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.